

IMAGEM:

intervenção e pesquisa

Lucia Helena Correa Lenzi
Silvia Zanatta Da Ros
Ana Maria Alves de Souza
Marise Matos Gonçalves
(Org.)

Alberto Groisman, Ana Elisabete Lopes, Andréa Zanella, Angel Pino, Armando Barros, Denise Cord e Emerson Pessoa Ferreira, Eliane S.D. Debus, Gilka Girardello, Ingrid D. Wiggers, Jochen Dietrich, Maria Cecilia Coelho, Pedro de Souza, Solange Jobim e Souza, Tânia Clemente de Souza, Terezinha Bravo e Silvia Martins, Uéslei Paterno.

NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES
NUP

COLEÇÃO CADERNOS CED 9

Núcleo de Publicações - NUP
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Campus Universitário - Trindade
88010-970 - Florianópolis - SC/Brasil
Fones: (48) 33319586 - Fax (48)33319752
E-mail: nup@ced.ufsc.br
<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/>

Coordenadora do NUP
Olinda Evangelista

Revisor de Português
Olinda Evangelista

Editor Técnico
Séfora Bonetti

Normalização
Joseane Chagas

Organizadoras deste número
Lucia Helena Correa Lenzi
Silvia Zanatta Da Ros
Ana Maria Alves de Souza
Marise Matos Gonçalves

Editoração e Projeto Gráfico
Jane Mary Carpes Gonzaga

Capa
Marcelino Donizeth

Catálogo na Publicação: Joseane Chagas CRB 14/152

I31 Imagem: intervenção e pesquisa / [Organização de] Lucia Helena Correa Lenzi; Silvia Zanatta Da Ros; Ana Maria Alves de Souza e Marise Matos Gonçalves. Florianópolis : Editora da UFSC : NUP/CED/UFSC, 2006.
297p. : il. (Coleção Cadernos CED; v. 9).

Inclui bibliografia.
ISBN 85 87 10328 8

1. Imagem. 2. Fotografia. 3. Percepção visual. I. Lenzi, Lucia Helena Correa (Org.). II. Da Ros, Silvia Zanatta (Org.). III. Souza, Ana Maria Alves de (Org.). IV. Gonçalves, Marise Matos (Org.). V. Série.

CDU: 77

ISBN 858710328-8

SUMÁRIO

007 Apresentação

A IMAGEM EM FOCO

017 Imagem, mídia e significação

Angel Pino

039 Considerações sobre o discurso visual

Denise Cord

Emerson Pessoa Ferreira

051 A imaginação infantil e a educação dos sentidos

Gilka Girardello

063 Retórica e imagem: considerações filosóficas sobre a fotografia

Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho

079 Discurso e imagem: uma questão política

Tânia Conceição Clemente de Souza

**101 O ensinar e aprender, a pesquisa e a “sociedade da imagem”:
apontamentos**

Silvia Zanatta Da Ros

Lucia Helena Correa Lenzi

Ana Maria Alves de Souza

Marise Matos Gonçalves

O FOCO NAS RELAÇÕES ENTRE PESQUISA, IMAGEM E EDUCAÇÃO

**121 Fotografia e fotografar: paradigmas, artefatos e
artifícios sociais e relacionais**

Alberto Groisman

- 139 **Sobre olhos, olhares e seu processo de (re)produção**
Andréa Vieira Zanella
- 151 **Fotografia e verbalidade frente ao (sur)real:
notas heterodoxas sobre o uso de imagens em pesquisa**
Armando Martins de Barros
- 173 **Leitor, livro e leitura de ficção: a representação da
leitura na fotografia escolar**
Eliane Santana Dias Debus
- 187 **Uma pedagogia da imagem**
Ingrid Dittrich Wiggers
- 203 **A pesquisa em ciências humanas como
intervenção nas práticas do olhar**
Solange Jobim E Souza

O FOCO NA INTERVENÇÃO EDUCACIONAL

- 221 **Ato fotográfico e processos de inclusão: análise
dos resultados de uma pesquisa-intervenção**
Ana Elisabete Lopes
- 243 **Janela com boas vistas - fotografia, arte, participação
e aprendizagem**
Jochen Dietrich
- 265 **A foto como modo de intervenção**
Pedro de Souza
- 275 **Grafismos, sons, ornamentos, pintura, fotografia...
marcas de uma cultura no processo pedagógico**
Teresinha Idalina Bravo
Sílvia Maria Martins
- 289 **Língua de sinais brasileira – língua, imagem
e educação**
Uéslei Paterno

Apresentação

Estudos da imagem, fotografia, singularidades, fazeres na educação e na arte associados a um grande desejo de aprofundar conhecimentos convergem e constituem um grupo de trabalho composto por cinco professoras. Como e onde nasceu este grupo? Nasceu aos pedaços cá e lá (Florianópolis e Rio de Janeiro) nos pensares e práticas de cada uma e se materializou nos encontros que acalentavam ecos de muitas e muitas perguntas. Para respondê-las recorreram a autores e idéias que, ampliando o grupo, fazem parte dele como interlocutores de vozes distantes.

As imagens das falas entabuladas trouxeram a necessidade da partilha, da presença, da pessoa, de escutas, de diálogos, de olhares com e entre os sujeitos que transitavam, de forma presencial ou não, pelo espaço que se criara. Foi então que se vislumbrou a possibilidade de realizar um evento que trouxesse todos a todos. Como isso era impossível, vieram aqueles que poderiam representar os anseios da trajetória percorrida pelo grupo inicial. Surge, assim, o *I Encontro Fotoeducativo: imagem, intervenção e pesquisa*. Seus desenhos primeiros assentaram-se sobre aquilo que todas nós carregávamos: imagens, cores, luzes, formas e texturas que formavam o nosso saber. Quanto mais aprendíamos a olhar, mais dúvidas tínhamos sobre como lidar com as imagens. Lugar comum nas nossas vidas, prática educativa constante, a imagem questionada desdobrou-se num labirinto de espelhos. Daí decorreu a idéia de ampliarmos o grupo de discussão, não pela escolhas de um dogma, mas pela voz interdisciplinar do outro.

Os artigos contidos neste livro constituem uma amostra do pulsar deste *I Encontro Fotoeducativo*, idéias que se multiplicaram povoando nosso repertório imagético¹. Se antes tínhamos pequenas questões sobre o ver, hoje temos problemáticas e linhas teóricas que se cruzam para construir um referencial que nos auxilie no processo de ensinar e aprender.

O primeiro capítulo, **A imagem em foco**, traz artigos sobre questões teóricas gerais.

Angel Pino tematiza o papel da mídia “na era da imagem” e o “mundo recôndito da subjetividade” no que se refere ao papel da consciência na interpretação das mensagens e na tomada de decisões. Propõe uma reflexão sobre a natureza e a função da imagem natural e da imagem

Ingrid Dittrich Wiggers

Endereço para correspondência: Caixa Postal 5110

Agência Universitária – Trindade

88040-970 Florianópolis – SC

E-mail: ingrid@viggiano.com.br

A pesquisa em ciências humanas como intervenção nas práticas do olhar

Solange Jobim e Souza

Resumo:

O artigo indaga sobre as possibilidades de criação e de liberdade em uma sociedade cada vez mais programada e controlada pela tecnologia. Neste sentido, analisa o compromisso da pesquisa em ciências humanas em fornecer subsídios para o debate sobre o desenvolvimento das tecnologias, orientando ações consistentes no âmbito de uma educação estética do olhar. Afirma que a pesquisa em ciências humanas pode se configurar como forma de intervenção, constituindo-se como espaço de reflexão e de ação para se criar estratégias que permitam exercitar a atitude crítica dos sujeitos na contemporaneidade. Apresenta, ao final, seis propostas para uma educação estética do olhar e sugere a urgência da continuidade e da permanência deste debate entre as gerações.

Palavras-chave:

Inovações tecnológicas. Inovações tecnológicas- Aspectos sociais. Ciências humanas- Pesquisa. Comportamento humano.Imagem.

Graduada em Psicologia pela UFRJ, Doutora em Educação pela PUC-Rio. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ. Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ.

“Liberta o campo ao olhar politicamente elaborado, de forma a que todas as intimidades cedam o lugar à iluminação do pormenor”.

Walter Benjamin

Introdução

O olhar e a metrópole

Nosso tema é o olhar, ou melhor, como o olhar dialoga com a magia e a técnica, com a visibilidade e a escuridão, com a singularidade e a padronização, com a liberdade e a exclusão. Indagar sobre as transformações do olhar na distensão do tempo é uma grande questão para o momento atual. Tomar consciência destas transformações é se perguntar sobre os rumos da subjetividade, mas também sobre os modos como temos re-criado o mundo e a nós mesmos através do uso da tecnologia ao longo da história da humanidade. Por um lado, estamos nos referindo às diversas próteses do olhar, ou máquinas de visão, que vêm sendo inventadas e incorporadas como hábitos cotidianos, intervindo nas formas como tomamos consciência da materialidade do mundo e damos sentido às nossas vivências. Por outro lado, estamos também nos referindo ao modo como a realidade é imaginada e concebida a partir do uso dos aparatos tecnológicos.

A importância desta discussão nos remete para duas vertentes distintas de indagações, mas que estão, de certo modo, profundamente interligadas: as transformações psíquicas, geradas pelo modo como o olhar captura a realidade exterior e a interioriza de um modo particular; e a tomada de consciência, ou não, destas transformações e os desafios que elas nos colocam para a produção do conhecimento na pesquisa em ciências humanas e, conseqüentemente, para o campo educacional.

No que diz respeito às transformações psíquicas basta uma observação atenta dos hábitos e comportamentos do homem contemporâneo submerso na rotina de uma grande metrópole. O simples vagar pela cidade exige um novo tipo de atenção. Seu olhar esbarra em um turbilhão de estímulos - luzes, letreiros, imagens, sons, etc - capturados como choques, absorvendo mensagens rápidas e que se substituem de forma intermitente. Vários autores vêm mostrando suas preocupações em definir as imagens da cidade e suas reverberações sobre a subjetividade. “Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já

obscurecem o céu do pretenso espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano” (BENJAMIN, 1987, p. 28). Na mesma direção encontramos, em Wenders (1994, p. 184), uma citação em que ele convoca o leitor a olhar com atenção os ruídos e imagens espalhados pela cidade, dizendo o seguinte:

Assim como o mundo de imagens que nos circunda é cada vez mais cacofônico, desarmônico, ruidoso, proteiforme e pretensioso, as cidades se tornaram por sua vez mais e mais complexas, discordes, ruidosas, confusas e massacrantes. Imagens e cidades vão bem juntas. Observem essa quantidade de imagens urbanas que tudo submergem: placas de sinalização, gigantescos anúncios de néon sobre os tetos, cartazes e posters publicitários, vitrines, telas de vídeo, bancas de jornais [...]

Andar no meio da multidão, dirigir o seu próprio carro, viajar em transportes coletivos, estas e outras experiências similares de deslocamentos no espaço público transformam-se em hábitos que exigem a adaptação inconsciente de nossas enervações psíquicas. Benjamin (1991), referindo-se a Simmel, destaca como este autor observou acertadamente que, a partir do século XIX, o habitante da cidade grande se viu frente à necessidade de ter de se acomodar a uma circunstância nova e bastante estranha.

Quem vê sem ouvir fica muito mais inquieto do que quem ouve sem ver. Eis algo característico da sociologia da cidade grande. As relações recíprocas dos seres humanos nas cidades se distinguem por uma notória preponderância da atividade visual sobre a auditiva. Suas causas principais são os meios públicos de transporte. Antes do desenvolvimento dos ônibus, dos trens, dos bondes no século XIX, as pessoas não conheciam a situação de terem de se olhar reciprocamente por minutos, ou mesmo por horas a fio, sem dirigir a palavra umas às outras. (SIMMEL, apud BENJAMIN, 1991, p. 36).¹

Esta passagem nos incita a uma reflexão sobre a experiência deste cidadão do século XX em diante no espaço das grandes cidades e as conseqüentes outras formas de adaptação que lhe são exigidas. Neste aspecto, uma questão se destaca: os modos de ver e ouvir se transformaram a tal ponto que podemos dizer que hoje, estar atento, exige dispersão. Vale refletir sobre o que nos diz Benjamin (1987, p. 247), quando, em outro contexto, analisa este tema:

Hábitos e atenção. A primeira de todas as qualidades é a atenção afirma Goethe. No entanto, ela divide a primazia com o hábito que luta com ela desde o primeiro momento. Toda atenção deve desembocar no hábito se não pretende dismantelar o homem, todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem. Atenção e hábito, assim como repulsa e aceitação, constituem cristas e depressões de ondas no mar da alma.

Vale observar, a partir das pistas apresentadas pelos autores, que os comportamentos que se configuram nos espaços abertos da metrópole migram para os interiores das habitações, constituindo modos de *ver, ouvir e de ser* no contexto da intimidade, em perfeita sintonia com as experiências mais amplas de se viver, nos dias de hoje, em uma dada ordem espaço-temporal. Deste modo, o *hábito de estar atento na dispersão* é recriado também no âmbito privado com a ajuda dos aparatos tecnológicos. Estes nos oferecem as mediações adequadas para darmos continuidade, de modo solitário, a esta experiência particular de estar em um mundo em que nada mais é feito para permanecer, fixar, reter, mas, ao contrário, fluir, derivar e desaparecer. As formas de trabalho, de lazer e de controle da vida social, proporcionadas pelos aparatos técnicos, como a TV, os computadores, os vídeo games, os DVDs, os telefones celulares, enfim, pelas máquinas digitais de todo tipo, não cessam de se modificar, tornando o consumidor escravo do mercado das novidades. Mas, para além do uso que fazemos dos aparatos técnicos, há que se refletir também sobre o uso que os aparatos técnicos fazem de nós. Neste sentido, nos dirá Benjamin (1996, p. 115):

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. [...] Hoje em dia é uma prova de honradez confessar a nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie.

Mesmo reconhecendo que nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie, e que nem a cultura nem os seus modos de transmissão escapam à barbárie engendrada pela ambição de progresso no mundo capitalista, Benjamin (1996) irá, a despeito de uma visão sombria e melancólica sobre os destinos da humanidade, apostar na capacidade dos homens intervir, apesar dos limites impostos pelo presente, e criar outras

possibilidades de futuro. Referindo-se aos poetas, arquitetos, cientistas e artistas em geral, já observara, no início do século passado, que “algumas das melhores cabeças já começaram a ajustar-se a essas coisas. Sua característica é uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século.” (BENJAMIN, 1996, p. 116).

Entre os grandes criadores dos séculos XIX e XX, afirma Benjamin, há o desejo de superar os constrangimentos que cerceiam a liberdade dos modos de expressão. O autor observa que alguns destes homens se sentiram impelidos “a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda.” (BENJAMIN, 1996, p. 116). Barbárie? Sim, nos dirá Benjamin, porém acrescenta que esta afirmação introduz um conceito novo e positivo de barbárie, pois o que resta para o bárbaro é a reação que poderá emergir da pobreza de experiência gerada pelo desenvolvimento da técnica. E é em torno das possibilidades da intervenção contínua e permanente dos sujeitos históricos que surgem as estratégias do agir no próprio âmbito das práticas sociais. A segunda vertente de nossas indagações, mencionada anteriormente, se insere neste debate, ou seja, o do compromisso da pesquisa em ciências humanas em fornecer as condições teóricas e práticas para a constituição de uma consciência crítica sobre a urgência de uma política para a educação estética do olhar.

Tecnologia, diálogo e gerações

Se tomarmos a experiência da criança no mundo de hoje logo nos convencemos de sua intimidade com os aparatos tecnológicos. Para ela, o que nos causa espanto ou dificuldade de adaptação há muito já entrou em sua rotina, e se tornou hábito. Assim, a criança age como se os aparatos tivessem sempre existido daquela mesma forma como ela os conheceu. Gerações distintas, mas vivendo os mesmos constrangimentos da produção cultural de nossa época reagem de modos diferentes, surgindo, muitas vezes, dificuldades de diálogo que precisam ser superadas. No âmbito da linguagem das coisas, nos diz Pasolini (1990, p. 131) se dirigindo ao jovem Gennariello,

é um verdadeiro abismo que nos separa: ou seja, um dos mais profundos saltos de geração que a história possa recordar. Aquilo que as coisas com a sua linguagem me ensinaram é absolutamente diferente daquilo que as coisas com sua linguagem ensinaram a

ocê. Não mudou, porém, a linguagem das coisas, caro Gennariello: são as próprias coisas que mudaram. E mudaram de maneira radical.

Estas palavras nos fazem refletir sobre o embate entre as gerações. Assim como os adultos não podem abandonar um determinado modo de experimentar o mundo referido à sua experiência passada, eles não podem igualmente exigir da criança ou dos mais jovens um comportamento semelhante ao seu. O caminho da troca de experiências, onde cada geração, de um lugar espaço-temporal específico, convida o outro a enxergar o mesmo objeto cultural a partir de pontos de vistas diferentes, nos parece então mais promissor. As referências conceituais e axiológicas que orientam o pensamento em uma época passada, se incorporadas como dogmas no presente, empobrecem o caráter criativo e reflexivo que poderá ser estimulado a partir do confronto alteritário entre gerações. Em um momento histórico em que o valor da experiência dos mais velhos se encontra debilitado e desacreditado pela cultura da “eterna juventude”, faz-se necessário retomar o diálogo, tentando lidar com os mais jovens evocando a experiência vivida em outros tempos. Vale dizer que a intenção aqui não é impor a presença de um passado como repetição dogmática do vir-a-ser, mas recuperar uma compreensão da experiência histórica como ação compartilhada entre os sujeitos na grande temporalidade. Em outras palavras, faz-se necessário resgatar uma compreensão de sujeito que seja atravessada pela permanente tensão entre rupturas e continuidades dos acontecimentos que nos envolvem.

“[...] Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?” (BENJAMIN, 1996, p. 115). Esta pergunta nos faz refletir sobre a velocidade e a condição efêmera do desenvolvimento tecnológico, acarretando uma fratura na compreensão dos modos de criação da cultura. Benjamin nos faz pensar sobre a dificuldade, cada vez maior, em nos reconhecermos como participantes ativos das transformações mais amplas de nossa época. Isto porque a proliferação vertiginosa das imagens técnicas acarreta uma predisposição da sociedade para um comportamento mágico, ou seja, passamos a viver uma experiência repleta de objetos sem história e sem sujeito. A banalização dos usos da imagem é correlata a uma padronização dos modos de ver, dificultando, ou até mesmo impedindo, a manifestação de uma experiência sensível e singular. A abundância de estímulos visuais dificulta decifrar as imagens em seus significados, fazendo de nossa experiência no mundo

um amontoado de estilhaços de imagens desconexas que invadem as retinas como choques. Ítalo Calvino, no capítulo intitulado “Visibilidade”, do seu livro “Seis Propostas para o Próximo Milênio”, faz a seguinte indagação:

[...] que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar a “civilização da imagem”? O poder de evocar imagens ‘in absentia’ continuará a desenvolver-se numa humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas? Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo. (CALVINO, 1990, p. 107).

As conclusões a que chegamos, mais sombrias do que promissoras, nos fazem pensar que as imagens, ao invés de serem mapas que nos orientam a transitar no mundo, acabam incorporando a função de cercear a liberdade da visão, condicionando os modos de ver em determinadas direções e fazendo do olhar algo intermitente, fluídico, evanescente, enfim, esvaziado do sentido narrativo que agrega histórias que merecem permanecer como experiências de memória transmitidas através das gerações.

José Saramago, na epígrafe de seu livro *Ensaio sobre a cegueira*, nos dá uma pista. Faz-se necessário uma intervenção nos modos de ver, ampliando as possibilidades do olhar em outras e novas direções: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.” (SARAMAGO, 1995). Aprender a olhar reparando no mundo, eis uma questão fundamental para o homem contemporâneo. Neste momento, nos indagamos sobre as possibilidades de criação e de liberdade em uma sociedade cada vez mais programada e controlada pela tecnologia. Esta questão nos leva a uma outra correlata: como vincular a experiência passada da humanidade à história dos modos atuais de criar o mundo e a nós mesmos através das tecnologias, sem, contudo, perder o vínculo com a liberdade de expressão e o compromisso político com a atividade crítica?

Pesquisa como intervenção nos modos de ver

Chegamos então ao tema da pesquisa em ciências humanas como forma de intervenção nas práticas sociais, envolvendo os modos de ser e os “fazeres” inscritos no cotidiano de homens, mulheres, crianças, jovens e adultos². Inicialmente, vale dizer que a nossa compreensão do que aqui denominamos “pesquisa–intervenção” traduz uma concepção de produção de conhecimento compartilhado entre pesquisador e os sujeitos envolvidos. Isto significa que os resultados são constantemente transformados em processos, o que define esta abordagem como tendo uma dimensão política, além de educativa, que se dá propriamente durante o desenvolvimento da investigação. Os pressupostos da “pesquisa-intervenção” sublinham a intrínseca relação entre pensamento e ação e o comprometimento político e ético com a produção do conhecimento. A “pesquisa-intervenção” apresenta-se, portanto, como instauração de modos de discursividade entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Assim sendo, a dimensão dialógica e alteritária é o aspecto central desta abordagem metodológica³, fazendo com que os sujeitos envolvidos se apropriem de um modo de pensamento em permanente transformação, evitando a adesão a um modelo fixo e cristalizado de se acercar da compreensão das questões humanas.

Nosso propósito aqui não é o de apresentar os resultados empíricos das pesquisas realizadas pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (GIPS)⁴, mas propor uma reflexão que ofereça subsídios para o debate sobre o desenvolvimento das tecnologias, as transformações do olhar e da subjetividade com a intenção de orientar ações consistentes no âmbito de uma educação estética do olhar. O desafio é fazer do contexto de investigação um espaço de reflexão e ação para se criar estratégias que permitam exercitar a atitude crítica dos sujeitos contemporâneos no que diz respeito ao uso das tecnologias.

Em um contexto em que, ideologicamente, as mídias rejeitam o seu caráter de mediação, apresentando-se como “a realidade”, refletir sobre os modos como as imagens são construídas e experimentar suas diversas linguagens é, num certo sentido, analisar a dimensão política dos usos e das concepções de imagem que circulam no cotidiano. Portanto, a imagem técnica, além de ter sido, nesta pesquisa, objeto de estudo, foi também utilizada como estratégia metodológica⁵ para problematizar a experiência subjetiva e os modos de criação de narrativas audiovisuais, analisando a tensão entre mundo virtual e mundo real, ficção e realidade.

As estratégias metodológicas de tal abordagem investigativa incluíram o uso que o próprio pesquisador fez das imagens quando ele utilizava a máquina fotográfica ou a videogravação como instrumentos de mediação com o campo da pesquisa. Isto implica colocar em foco, necessariamente, a interação do pesquisador com os aparatos tecnológicos e os sujeitos da pesquisa. A intenção metacognitiva, explicitada desde o início pelo pesquisador, revela o propósito de se criar situações objetivas em que os sujeitos tenham a oportunidade de exercer uma tomada de consciência sobre o seu olhar e sobre os seus modos de representar a experiência de estar no mundo a partir do que lhe é oferecido pelos artefatos culturais de sua época. Neste sentido, destacamos abaixo seis propostas de intervenção para as práticas do olhar, cientes de que elas são apenas algumas dentre as inúmeras possibilidades que poderão surgir no âmbito da pesquisa em ciências humanas e de seus desdobramentos para o campo educacional e para a vida.

Seis tópicos para uma educação estética do olhar:

1) Intervir no ritmo intermitente, veloz e dispersivo da relação do olhar com os objetos. Recuperar a atenção e a reflexão naquilo que é apenas dispersão e, deste modo, reinventar possibilidades de contar histórias, dar sentido às imagens que se apresentam como pura intermitência, imagens que escapam aos olhos e à razão. Trata-se de imprimir um outro ritmo ao olhar. Em síntese, tomar consciência da dispersão e trabalhar a relação com a atenção, ou seja, exercitar o olhar sobre os objetos e examiná-los na sua delicadeza, nos seus detalhes, nos seus diferentes ângulos, para em seguida voltar ao seu todo com uma outra perspectiva de sentido do objeto original. Parte e todo mantêm entre si uma relação de permanente tensão e harmonia. Cada re-ordenação não somente traz à tona um novo todo, mas também re-significa cada uma das partes, permitindo que estas se mostrem em sua pluralidade.

2) Experimentar a ausência de imagens, o vazio, pois os vazios nos dão a consciência daquilo que, noutro contexto, os preenche. Para Wenders (1994), os vazios são também a busca de redenção daquilo que é pequeno e que acaba por se perder em meio a imagens tão potentes e onipresentes. Nos diz que “[...] o que é pequeno desaparece. Em nossa época, só o que é grande parece poder sobreviver. As pequenas coisas modestas desaparecem, bem como as pequenas imagens modestas ou os pequenos filmes modestos.”

(WENDERS, 1994, p. 184). A intenção é, portanto, buscar os espaços vazios da cidade onde seus infinitos sons e imagens possam, de fato, ser escutados com atenção, livres da automação trazida pelo hábito.

3) Estranhar o familiar ou introduzir o movimento do olhar que insere, nas práticas “naturalizadas” do cotidiano, o elemento exótico, o diverso, aquilo que, até então, não foi pensado. É possível nos apropriarmos desse movimento de estranhar o familiar utilizando a imagem fotográfica ou a videogravação. Ao entrar em contato com a sua imagem no vídeo ou na imagem fotográfica, o sujeito pode ver-se como um outro, instaurando consigo próprio uma relação alteritária, caracterizada por um distanciamento crítico sobre suas atitudes, falas, olhares, sentimentos e representações. Esse distanciamento não se desencadeia pela pura e simples presença da imagem no vídeo ou na fotografia, mas principalmente pelo diálogo que pode ser potencializado entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa sobre as imagens que dispõem e juntos observam. Assim, tanto o pesquisador como os sujeitos da pesquisa podem não apenas despertar a atenção para o que antes não percebiam, como também construir novos sentidos sobre o que é visto, re-significando aquilo que se mostrava como familiar aos olhos de ambos. Trata-se de um envolvimento comunicativo que abarca tanto o pesquisador como os sujeitos da pesquisa, assim como os processos de comunicação que se pretende compreender.

4) Compreender e utilizar as imagens técnicas como mediadoras de um diálogo entre pessoas que buscam novos modos de narrar suas experiências, re-criando o mundo na imagem e no discurso. Filmar situações cotidianas, em que os próprios sujeitos da pesquisa tornam-se imagem, desencadeia um processo de ver-se a si mesmo e ao outro mediado pelo próprio olhar e pelo olhar do outro. Tomar consciência do seu próprio olhar e do olhar do outro funciona então como um dispositivo que desencadeia revelações, emoções e recordações, afluindo as suscetibilidades individuais e coletivas. Atribuir sentidos a sua própria imagem, buscando nela ou atribuindo a ela uma história, é também cultivar a possibilidade de narrar a própria história de muitas e diferentes maneiras. Isto exige uma atenção às narrativas que podem ser desencadeadas a partir do olhar sobre si

mesmo e sobre o contexto social e histórico mais amplo em que o sujeito está situado. Em outras palavras, é possível criar histórias de vida, pautadas em experiências compartilhadas através de imagens fabricadas, recuperando, com o auxílio das imagens técnicas, outros modos de narrar nossas histórias..

5) Aprender a ver o mundo com outros olhares, resgatando sua condição de diversidade. Trata-se de utilizar as mediações técnicas para ampliar a consciência da diversidade cultural e a experiência de ações inclusivas no âmbito das práticas sociais. Se, por um lado, a globalização traz o risco da imposição de uma hegemonia de poder no que diz respeito aos valores culturais atrelados à cultura do consumo, por outro, as possibilidades de experimentação da diversidade cultural, trazidas pelo acesso democrático aos meios de comunicação, desestabiliza as pretensões universalistas e hegemônicas das formas de poder e de controle exercidas pelos meios de comunicação. As práticas de pesquisa-intervenção têm, portanto, o compromisso de se inserirem na dialética do global com o local, incentivando experiências diversas mediadas pelos aparatos tecnológicos.

6) A pesquisa como formadora de uma educação ética e estética do olhar inclui, necessariamente, todos os aspectos acima mencionados e outros a serem criados ao longo do próprio processo de desenvolvimento da pesquisa pelos atores envolvidos – pesquisadores e sujeitos. A pesquisa-intervenção apresenta-se, portanto, como instauração de modos de discursividade entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Nesta abordagem, o pesquisador se vê como um sujeito que tem consciência de que sua presença no campo não representa apenas uma interferência, mas é responsável por desencadear um determinado tipo de produção de linguagem. Tal postura representa a recusa à concepção de neutralidade no campo da pesquisa, bem como questiona a hierarquia dos saberes. Isto significa dizer que os interlocutores, pesquisadores e sujeitos da pesquisa, são co-autores. Todos participam das estratégias metodológicas de forma ativa, sendo estimulados a buscar sempre novas soluções que vão sendo incorporadas durante o processo de investigação. Estamos falando, portanto, de educar o olhar para alcançar um novo modo de se acercar da “verdade” e da “beleza” que se refugiam nos objetos, nas paisagens ou no rosto de uma pessoa.

Em linhas gerais a sugestão trazida por este texto foi a de introduzir a *dimensão política do olhar* como uma resposta à apropriação que é feita pela cultura do consumo dos aparatos tecnológicos e dos meios de comunicação. A partir destas reflexões, nossa intenção foi mostrar como a pesquisa vista como intervenção social e cultural se define como um espaço de ação política, onde o pesquisador e sujeitos pesquisados assumem o lugar de sujeitos da história, ou seja, se tornam capazes de intervir na experiência contemporânea, criando, no presente, novas possibilidades de futuro. A formação estética do olhar deve se constituir no alicerce do uso permanente da crítica, transformando pensamento em ação e fornecendo, com isto, as bases políticas para uma estética da existência.

Notas

- 1 O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (GIPS), do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, desenvolveu no período 1998-2005, a pesquisa “Subjetividade em Imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo”, através de pesquisas de campo utilizando a abordagem metodológica da pesquisa-intervenção, realizadas por alunos de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado). Ver referências ao final deste texto.
- 2 Os conceitos de dialogia e alteridade têm como base teórica o pensamento de Mikahil Bakhtin (1992,1995,1998).
- 3 Os resultados empíricos sobre este tema poderão ser consultados nas seguintes pesquisas realizadas pelos integrantes do GIPS, do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, sob a orientação da Profa. Solange Jobim e Souza: Lopes (2005); Salgado (2005); Gamba Junior (2004); Gusmão (2004); Lacombe (2004); Lodi (2005); Hamann (2004); Velasco (2004); Viegas (2004); Camerini (2003); Miranda (2002); Sander (2002); Campos (2000).
- 4 Estamos nos referindo ao uso de aparatos tecnológicos de produção e reprodução de imagens (câmara fotográfica, câmara digital, câmara de vídeo e computador) como mediadores nos processos de criação de narrativas, incentivando modos de experimentação e de transformação da subjetividade do pesquisador e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP/ Hucitec, 1998.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Obras Escolhidas, 3).

_____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras Escolhidas, 1).

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, 2).

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMERINI, Maria Florentina Almeida. *A produção de saber através do uso do vídeo com classes populares urbanas*. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

CAMPOS, Cristiana Caldas. *Regras: conflito e transgressão: em busca da dimensão alteritária infância/adulto na relação família/escola*. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

GAMBA JUNIOR, Nilton. *Narrativa e AIDS: noites felinas e as dualidades da experiência narrativa*. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

GUSMÃO, Denise. *Por uma estética da delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

HAMANN, Fernanda Passarelli. *Comunidade Orkutiana Brasileira: considerações sobre os jovens e o Orkut no Brasil*. 2004. Monografia (Graduação em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

LACOMBE, Renato Barreto. *A infância dos bastidores e os bastidores da infância: uma experiência com crianças que trabalham na televisão*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

LODI, Célia Amália. *Manifestações culturais juvenis: o hip-hop está com a palavra*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

LOPES, Ana Elizabete. *Olhares compartilhados: o ato fotográfico como experiência alteritária e dialógica*. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

MIRANDA, Luciana Lobo. *Criadores de imagens, produtores de subjetividade: a experiência da TV Pínel e da TV Maxambomba*. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

PASOLINI, P. P. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SALGADO, Raquel. *Ser criança e herói no jogo e na vida: a infância contemporânea, o brincar e os desenhos animados*. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

SANDER, Luciana Becker. *Oficina do olhar: metáforas da subjetividade na fotografia*. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, S. Jobim e (Org.). *Educação @ pós-modernidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. (Org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/ContraCapa, 2000.

_____. (Org.). *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SOUZA, S. Jobim e. (Org.). Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997. p.331-348.

_____; LOPES, Ana Elizabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p.61-80, 2002.

_____; MIRANDA, L. L. La télévision dans une banlieu de Rio de Janeiro: créer des images, raconter des histoires. In: AMORIM, M. *Images et discours sur la banlieued*. Paris: Obvies/Érés, 2002. p.159-178.

_____; CAMERINI, M. F. Interatividade audiovisual e produção da subjetividade. In: LOPES, L. P. M; BASTOS, L. C. (Org.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 389-402.

VELASCO, Mariana de Souza Lima. *Filmes que saíram do armário: homossexualidade, cinema e modos de subjetivação*. 2004. Monografia (Graduação em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

VIEGAS, Joana Salgado. *Os jovens, os jogos eletrônicos e a cultura lúdica: desafios contemporâneos*. 2004. Monografia (Graduação em Psicologia)-Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

WENDERS, W. A paisagem urbana. *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 181-186, jun. 1994.